

Virgílio de Melo Franco: Trajetória política e jornalística¹

FERRO, Flavia Salles (mestranda)²
Universidade Federal Fluminense/ Rio de Janeiro

Resumo: Essa comunicação visa apresentar a trajetória política e jornalística de Virgílio de Melo Franco. Como jornalista, ele iniciou suas atividades na década de 20 contribuindo no *O Jornal*, na revista *Fon-Fon*. Na década de 30 colaborou no *O Dia* e na *Revista Diretrizes*. Por fim, no ano de seu falecimento, 1948, fundou o jornal *Política e Letras*. Como político, suas principais ações são na Aliança Liberal, na Revolução de 1930 e nos primeiros anos da UDN.

É possível compreender um entrelace da política com o jornalismo no personagem Virgílio de Melo Franco, sendo assim, a imprensa é uma das fontes utilizadas nesse trabalho. O uso dessa fonte e a interdisciplinaridade visível na proposta desse Encontro em unir Comunicação Social e História estão inseridos nos estudos da História Cultural. Assim, serão discutidas as mudanças ocorridas neste campo de estudo e de que maneira essa comunicação se insere na História Cultural.

Palavras-chave: Virgílio de Melo Franco; História; Jornalista; História Cultural.

Essa comunicação possui o intuito de apresentar a trajetória do jornalista e político Virgílio de Melo Franco, o qual atuou intensamente na Aliança Liberal, Revolução de 1930 e na fundação da UDN. Será discutida também a importância do uso da imprensa para a pesquisa histórica, fonte esta usada após mudanças ocorridas na História Cultural.

Como salienta Silva (2006) a imprensa é uma das manifestações de seu tempo,

“as empresas jornalísticas devem ser vistas como partidos de determinados grupos políticos e econômicos, em consonância com seus programas, ou seja, suas interpretações da realidade acabam interferindo no conhecimento que se tem sobre a realidade e na tomada de posições sobre elas.” (SILVA, 2006: 2)

Por assim ser, a imprensa é uma fonte que merece ser estudada, pois além dela

1 Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.
2 Mestranda na Universidade Federal Fluminense, graduada na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: flavia.sferro@gmail.com .

apresentar as ideias, os eventos ocorridos em uma determinada época, é possível compreender as posições políticas e até mesmo a cultura política do recorte temporal a ser estudado. Nesse trabalho a imprensa estudada é da década de 20,30 e 40.

Ao ser utilizado a imprensa como fonte, pretende-se conhecer o contexto em que estava inserido, o perfil dos impressos e dos responsáveis por ele, em uma maneira de compreender os discursos e representações dispostos nos periódicos. Jobim articula adequadamente as disposições que deve se ter um historiador em historicizar o jornal, “só um historiador impregnado da atmosfera do tempo em que o artigo foi escrito, tendo presentes as circunstâncias históricas em que se produziu, é que pode captar o eco das intensas vibrações sociais que porventura tenha provocado.” (JOBIM, 1992: 26 apud AGUIAR, 2010: 6)

Os estudos que abarcam o uso de imprensa como fonte e escritas de trajetórias estão inseridos na História Cultural, a qual, segundo Marieta de Moraes Ferreira, em fins da década de 1970 e no decurso da década de 1980 obteve transformações importantes em seu campo. Entre essas estão a incorporação dos estudos contemporâneos, revalorização das análises quantitativas, resgate da preocupação pelo individual e o renascimento do estudo do político.

Para compreender o que permeia à história cultural, sua importância e as transformações ocorridas nos últimos anos em suas problemáticas e metodologias é importante contextualizá-la.

A consolidação da disciplina de história e a profissionalização do historiador no século XIX foram desenvolvidas com o uso absoluto de documentos escritos como fontes. Como aponta Ferreira:

“a criação dos arquivos nacionais, paradigmas de instituição organizada em torno da fonte escrita, conduziu ao desenvolvimento dos estudos dos períodos mais remotos, assegurando a supremacia da história medieval e erigindo a análise do político em abordagem essencial para se chegar a uma história científica. Paralelamente, vinculava-se a tradição oral ao anedótico ou ao passado recente, às sociedades sem escrita, às classes populares, estabelecendo-se assim uma hierarquia dos campos de conhecimento, de fontes e de objetos.” (FERREIRA, 1994: 1)

É possível compreender, assim, que fontes orais ou impressos que não fossem oficiais, não eram pautáveis de estudos, uma vez que não seria possível obter a Verdade

com análise dessas. Do mesmo modo que não eram todas as fontes possíveis de serem estudadas pela história, os objetos também deveriam ser de um passado distante, pois era defendido que uma história só nasce para uma época quando esta já está totalmente morta.

No início do século XX, Jacob Burckardt já se destacava como historiador preocupado com a História Cultural, preocupando-se com o coletivo e com a longa duração. Na Escola dos Annales, com os historiadores Marc Bloch, Lucien Febvre e Braudel, há um aprimoramento dessa disciplina, uma vez que defende a utilização de variadas fontes, a interdisciplinaridade e preocupação com a longa duração, ignorando os eventos factuais, efêmeros.

Porém, com o crescente interesse pelo econômico e social, principalmente promovidos através do marxismo, há um decaimento no interesse pela cultura e pelo político, uma vez que esses estudos eram vistos como elitistas, cujos visavam promover o “herói”.

Como aborda Maria Elisa Cevalco em sua obra “Dez Lições Sobre Estudos Culturais”, na década de 1960, Raymond Williams, dá um passo em relação ao conceito de cultura, defendendo que esta é um “[...] sistema de significações mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunidade, reproduzida, vivenciada e estudada.” (Williams,1992: 13)

Dessa forma, Williams contribui para a volta do interesse pela História Cultural, propondo que a cultura não é algo de pertencimento a uma minoria, mas abrange a todos, inclusive a classe trabalhadora. Essa ideia será trabalhada também pelos autores Richard Hoggart, Reymond Williams e E. P. Thompson.

De uma maneira geral a história cultural é um “terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, 2000: 10). Há a preocupação com os “de baixo”, sem esquecer os “de cima”; não apenas com classes sociais, mas gênero, etnia, religião, buscando, assim, um aprofundamento do conhecimento histórico cultural.

É possível compreender, assim, a importância que essa “virada” na História Cultural possui. Os estudos acerca da trajetória política e jornalística do Virgílio de Melo Franco estão inseridos nela, bem como a interdisciplinaridade observada por essa pesquisa ser histórica e abarcar a disciplina comunicação social, a qual esse Encontro

Nacional de História da Mídia se insere.

Virgílio de Mello Franco em uma correspondência datada de 9 de setembro de 1945 escreve:

“Lutei quinze anos, sem a falta de um dia; consumi minha mocidade, num esforço hercúleo de sacudir a árvore para que os outros colhessem os frutos; escrevi na imprensa; fiz discursos, escrevi livros; fiz revoluções e expus a vida e a liberdade; sofri prisões e constrangimentos de toda a ordem; achei-me em tudo e em toda parte, menos na hora de colher os frutos.”

Nessa carta é exposta a memória que Virgílio possui de suas ações políticas e jornalísticas, ambas sempre relacionadas. De uma maneira geral é possível compreender que ele foi um importante personagem na política brasileira. Ocorre nessa escrita uma expressão de desgosto por ainda não ter colhido os frutos que ele há anos vinha plantando, que nesse caso, é a democracia-liberal.

Virgílio de Mello Franco vinha de uma família de políticos, em sua primeira geração brasileira, ligaram-se aos Caldeira Brant e forneceram inúmeros quadros políticos ao império. Afrânio de Melo Franco, seu pai, foi figura proeminente da primeira república e primeiro ministro do Exterior do governo Vargas. (FAUSTO, 1972:43) Ele foi também diplomata brasileiro. Seu irmão era Afonso de Melo Franco, o qual exerceu o cargo de deputado federal e foi um dos líderes da UDN. Virgílio, assim como seu irmão, participou intensamente na fundação da UDN, sendo o seu primeiro secretário-geral.

Em 1920, Virgílio iniciou seu trabalho na imprensa escrevendo para *O Jornal*. Ainda em 1920-1921, colaborou na revista *Fon-Fon* com o pseudônimo de Gonçalo Alves.

Em fevereiro de 1921 foi fundado *O Dia*, um novo matutino no Rio, que defendia a candidatura de Arthur Bernardes. Juntamente com Inácio Azevedo do Amaral e Tristão da Cunha (José Maria Leitão da Cunha Filho), Virgílio foi um dos diretores de *O Dia*.

Virgílio, em 1922, viajou à Europa a pedido de Bernardes para resolver o caso das cartas falsas³. Quando voltou encontrou *O Dia* fechado, devido à falta de recursos

³ Virgílio de Mello Franco foi encarregado por Bernardes de viajar à Europa para obter de especialistas laudos que demonstrassem não serem de sua autoria as cartas que haviam sido publicadas no *Correio da*

para mantê-lo, uma vez que já havia concretizado a vitória de Arthur Bernardes nas eleições. Na década de 20 foi colaborador de *O Jornal*, da Cadeia Assis Chateaubriand, além do *Diário Carioca*, o qual o levou a se aproximar das ideias tenentistas.

Como político, Virgílio atuou nessa década como deputado estadual de Minas Gerais, em 1922 fora eleito através da legenda do Partido Republicano Mineiro (PRM) para completar o mandato de Garibaldi de Castro Melo, eleito para o Congresso Nacional. Seria reeleito em 1923 e em 1927 para mandatos de três anos.

Em 1929 participou da Aliança Liberal sendo um dos protagonistas, juntamente com Osvaldo Aranha, Pedro Ernesto, Carlos de Lima Cavalcanti e Joao Neves da Foutoura, os quais apesar de não serem tenentes, por estarem muito envolvidos com as ideias tenentistas, foram conhecidos por tenentes civis.

Na Aliança Liberal, Virgílio possuiu grande importância nos diálogos para a concretização da coligação entre os estados, como é possível perceber na carta enviada por Virgílio de Melo Franco a Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1929, em que diz: “Na campanha cívica em que estamos empenhados, cabe-me muita responsabilidade como um dos precursores da política de entendimento com o Rio Grande do Sul.” (apud NABUCO, 1962: 5), ele era o principal intermediário entre os tenentes e os veteranos chefes políticos no Rio de Janeiro.

Após a vitória da Aliança Liberal na Revolução de 1930, diversos cargos públicos foram distribuídos, porém Virgílio não aceitou nenhum.

Ele passou o final de 1930 e o início de 1931 doente, mas recuperado em maio, redigiu seu testemunho sobre a Revolução, no livro *Outubro, 1930*, o qual obteve grande sucesso, possuindo quatro edições em dois meses.

No prefácio de seu livro, Osvaldo Aranha aponta que Virgílio

“foste uma espécie de Ariel da Revolução. Estiveste em toda a parte, agiste em todas as horas, animastes os vacilantes, reconfortaste os fracos, articulaste com os fortes, ligando-nos a todos e em todos os transes. Ninguém te excedeu moral e materialmente, na hora da conspiração. Foste a providencia na crise e a paciência nos momentos de ansiedade [...] Poucos homens tem esse condão de viver dentro de um pensamento até vencer [...] Nele está a alma dos homens

Manhã em outubro de 1921, com alusões ofensivas às forças armadas. Bernardes pretendia demonstrar que as “cartas falsas” tinham apenas o objetivo de incompatibilizá-lo com os militares. Após uma tentativa infrutífera em Bordéus (França), Virgílio conseguiu obter de peritos de Lausanne e Roma documentos negando autenticidade às cartas.

fortes. Nele está a tua grande e inalterável alma de revolucionário, que, como certas árvores solitárias, deita raízes na tempestade para poder frutificar a bonança[...]" (ARANHA, 1980:XXII).

Oswaldo Aranha em uma maneira de prestigiar a atuação política de Virgílio, refere-se a ele como portador de alma de revolucionário, assim o é. Ele juntamente com outros políticos, entre eles, o próprio autor do prefácio, estiveram dispostos a lutar pelo fim da política oligárquica e instituir direitos políticos e civis, foram capazes de pegar em armas para conseguir tal fim, ocorrendo na Revolução de 30 o fim da política oligárquica.

Sobre a proximidade de Oswaldo Aranha com o Virgílio de Melo Franco, Juscelino Kubistchek afirma que eles ficaram muito próximos, sendo Virgílio “um jovem mineiro, muito inteligente, combativo, e que tinha prestado extraordinários serviços na Revolução de 1930. Por isso mesmo, tinha adquirido uma posição de liderança muito grande, na fase inicial da Revolução.” (OLIVEIRA, 1976: 41)

Virgílio atuou após a Revolução como interventor do Partido Republicano Mineiro, como é visto no telegrama a Virgílio datado de 17/08/1931:

“temos a honra de enviar a vex a seguinte indicação que acaba de ser votada unanimemente(sic) pelo congresso do partido republicano mineiro; o partido republicano mineiro representado pelos novecentos delegados aqui presentes de 211 dos 215 municípios e fiel interprete dos sentimentos de todo o povo de Minas Geraes assegura a vecx o mesmo leal apoio que lhe vem prestado desde as memoráveis jornadas da Alliança liberal e da revolução de outubro na finda e fundada esperança de que vexc se apressara em garantir a este estado um regimem (sic) de tolerância liberdade moralidade administrativa e justiça sob novo interventor que inspire confiança ao povo mineiro e a nação digne se vex aceitar os protestos do nosso mais alto apreço Arthur Bernardes Presidente Alaor Prata secretário Affonso Penna Junior levindo Coelho Eduardo Amaral Camillo Chaves.”

Como é possível perceber no telegrama, Virgílio é um homem que possui intensa participação na Aliança Liberal e na Revolução de 30, sendo prestigiado pelos trabalhos prestados à Minas Gerais, compreendido também na moção enviada à Virgílio pelo Partido Republicano de Leopoldina, assinada por Jairo Salgado, secretário, datada de 13 de Dezembro de 1931:

“o Partido Republicano mineiro de Leopoldina, por proposta de seu presidente,

aprovada unanimemente por todos os seus membros presentes à reunião de hoje, nesta cidade: Tendo em alta conta os relevantes serviços por V. Excia. Prestados à causa da Revolução e do nosso glorioso estado de Minas Geraes; os sacrifícios que jamais poupou e mediu na defesa dos elevados e patrióticos princípios que encarna o tradicional Partido Republicano Mineiro, resolveu enviar a V. Excia. esta monção de inteira solidariedade e reconhecimento , que bem traduz o sentir colectivo do laborioso povo leopoldinense ao grande e heroico filho de Minas Geraes.”

É observável que Virgílio é um homem que possuiu reconhecimento em Minas Gerais pela sua atuação em prol desse Estado. O Partido Republicano Mineiro é o partido que possui maior influencia no Estado nesses anos e Virgílio nele atua como interventor.

Em agosto de 1931, o PRM realizou em Belo Horizonte um levante com o intuito de depor Olegário Maciel, interventor de Minas Gerais, para no seu lugar assumir Virgílio. O golpe contava com o apoio de Osvaldo Aranha e o beneplácito de Vargas. No entanto a tentativa foi desfechada pelo 12º. Regimento de Infantaria.

Diante de divergências políticas entre o Partido Republicano Mineiro e a Legião de Outubro, as forças antagônicas iniciaram um acordo que foi a fundação do Partido Social Nacionalista (PSN). Virgílio foi um dos articuladores do PSN e integrou sua comissão diretora, ao lado, entre outros, de Venceslau Brás, Artur Bernardes e Antônio Carlos. Porém, Virgílio ao perceber que o Partido Social Nacionalista não serviria ao propósito de pacificação, renunciou ao seu posto na direção do partido.

Após a Revolução Constitucionalista em que Virgílio luta a favor de Vargas, Virgílio articula a fundação do Partido Progressista de Minas Gerais, visando as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte marcada para 3 de maio de 1933. Nessas eleições o Partido Progressista derrotou o Partido Republicano Mineiro, fazendo 31 deputados, entre os quais Virgílio, contra seis do PRM.

A comissão diretora do PP defendeu a candidatura de Benedito Valadares, contra a de Virgílio, o qual renunciou ao Partido e resolveu fundar um jornal oposicionista em Belo Horizonte, o *Folha de Minas*. Com a censura à imprensa estabelecida em 1935 pelo governo de Getúlio Vargas, o *Folha de Minas* foi obrigado a fechar.

Após a instauração do Estado Novo, Virgílio se dedicou aos negócios, voltando a colaborar na imprensa somente em 1943 através do *O Jornal* e da *Revista Diretrizes*. No mesmo ano, voltou a atuar na política também, contribuindo para a elaboração do

Manifesto dos Mineiros, cuja carta assinada por importantes pessoas da elite mineira, defendia a democracia. Participou também em 1943, discursando no I Congresso de Escritores Brasileiros, o qual visava promover a democracia, lutando contra o fim do Estado Novo.

No discurso, Virgílio promove:

“quando se esgotar o período das ditaduras, quando se encerrar a era da violência feita a lei, do atentado ao espírito de liberdade e de justiça, essa há de ser a única realidade subsistente: a viva realidade da inteligência [...] Queremos preservar a nossa união pela fidelidade aos propósitos comuns de liberdade e de justiça. Só assim teremos cumprido o dever que constitui uma das razões da reunião deste I Congresso Brasileiro de Escritores.”

Em 1945, ele foi um dos fundadores e secretário geral na União Democrática Nacional, cargo do qual se absteve⁴ em dezembro de 1946 devido ao apoio da UDN ao governo Dutra. Em abril de 1946, Virgílio reuniu anotações e documentos sobre o processo de formação da UDN e publicou *A campanha da UDN (1944-1945)*. Nesse livro, afirmava que a grande campanha de que emergimos não terá sido estéril se, além do reinício do jogo das instituições democráticas, tiver dado ao país o grande ‘partido de centro inclinado para a esquerda’, em que Roosevelt sintetizava seu idealismo político.

Após seu afastamento da secretaria-geral, ele operou como presidente da UDN na coligação mineira, interessado na unificação dos udenistas.

Sua última iniciativa na área da imprensa foi a fundação, em 1948, do *Política e Letras*, o qual durou poucos anos. No mesmo ano, Virgílio é assassinado em sua casa por um ex funcionário.

É possível perceber que a trajetória política e jornalística de Virgílio de Melo Franco é merecida de ser estudada devido à sua grande participação na vida pública brasileira da primeira metade do século XX, sendo seu estudo uma maneira de compreender a cultura política dessa época e as mobilizações ocorridas nos ideários políticos, cujos eram manifestados na imprensa.

⁴ Virgílio em 1946 abstém-se da Secretaria Geral da UDN devido ao partido se conciliar com o governo Dutra, pois “para Virgílio, que citava Nabuco de Araújo ao esconjurar os males da conciliação (“impraticável, perigosa e inadmissível”), a UDN estaria fadada ao suicídio se abandonasse sua linha de oposição e de luta: “a unidade só serviria de pretexto à concentração de todas as forças nas mãos dos ditadores”. (Comissão Executiva 1947, p. 9-20 apud Benevides 1981, p. 153).

REFERENCIAS

MEMÓRIAS:

FRANCO, Virgílio Alvim de Melo Franco. **Outubro 1930**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. Sob o Signo da Resistência, 1947 - Zélio Valverde, Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: Fonte de estudo para construção e reconstrução da história. In: **O Brasil no Sul : cruzando fronteiras entre o regional e o nacional / X Encontro Estadual de História de 26 a 30 de julho de 2010 / Organizadoras : Marluza Marques Harres; Ana Silvia Volpi Scott. - Porto Alegre : ANPUH-RS, 2010. P. 1-11.**

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**; tradução de Alda Porto. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo. Brasiliense, 1972.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: Marieta de Moraes Ferreira. (Org.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1994, v. 1, p. 1-13.

NABUCO, Carolina. **A Vida de Virgílio de Melo Franco**. José Olympio, 1962.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. **Juscelino Kubitschek II (depoimento, 1976)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 1979. 77 p. dat.

SILVA, Carla Luciana. Estudando a imprensa para produzir história. In: **III Simpósio Estadual Lutas Sociais na América Latina**, 2006, Londrina. Anais, Crise das democracias latino-americanas: dilemas e contradições. Londrina: eduel, 2006. p. 1-13.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.